

REFLEXÕES SOBRE O UNIVERSO DO “HERCULES FURENS” DE SÊNECA.

Aída Costa

O “ser-no-mundo”, a problemática da existência, é o enfoque que mais nos sensibiliza no *Hercules Furens* de Sêneca.

O questionamento fundamental do universo herculano contém-se, todo, no Prólogo da tragédia, o qual invoca o nascimento do herói, faz o retrospecto de sua gesta e o prospecto de sua ruína.

Os cento e vinte e quatro versos da fala inicial de Juno podem fornecer, supomos, elementos básicos suficientes à análise da problemática existencial no mundo em que se define a figura de Hércules. Apelo ao texto restante, ao desenvolvimento da ação trágica, representará, entretanto, esforço dialético válido e relevante no sentido de configurar esse mundo cujo significado se tente vislumbrar, cuja filosofia vivencial se procure entrever.

Atribui Kitto a sobrevivência do *Heracles* de Eurípides à força espantosa da cena de loucura (1). Teria sido, assim, a “anormalidade” do herói o fator determinante da preservação da tragédia grega.

Perguntamo-nos, porém, se a “anormalidade” (2) do herói, na ação terrificante do “Furor”, teria garantido, por si só, a subsistência do *Heracles*.

Inegável o “pathos” da cena dramática, a impressão violenta e persistente que produz. Existe, contudo, na tragédia, algo menos espetaculoso que a cena de loucura, algo que, sem explicitar-se nitidamente, sensibiliza mais, atinge mais fundo: o caráter enigmático do tema dramático. Esse “abismo do Inexplicável” seria responsável pela magia que envolve o *Heracles* euripídiano, assim como do *Hercules Furens* de Sêneca.

(1) — KITTO, H. D. F. — *Greek Tragedy. A Literary Study*. London, Methuen & Co. Ltd., 1956, p. 236.

(2). — KITTO, H. D. F. — loc. cit.

Especulando sobre esse caráter enigmático da peça poderíamos indagar se não estaria ele na própria “normalidade” exclusiva, incomparável, de Hércules, no seu universo trágico peculiar, cuja essência se constitui para nós em fascinante desafio.

Importa na compreensão do universo trágico do *Hercules Furens*, que teve como modelo o *Heracles* de Eurípides, buscar apreender o sentido vivencial da lenda, a partir das origens do herói. Os antecedentes do enredo dramático, os elementos fundamentais do mito, são necessários, sem dúvida, à integralização do universo em que se insere a figura mítica de Hércules.

Esses elementos básicos, anteriores ao desencadeamento da ação trágica, estão explícitos ou subjacentes, na fala prologal de Juno.

Herói de incomparável prestígio popular na mitologia grega, as lendas que lhe dizem respeito apresentam longa e diversificada evolução através do tempo e do espaço. O emaranhado de origens orientais, dória, argiva, tebana ou cretense, constituiu-se em dificuldades já para os mitógrafos antigos.

A literatura dramática fez sua opção por determinada variante e associou-a a outras lendas.

O nome *Alcides* (3), nome original do herói, que define o filho de Zeus, a força, o vigor, o poder, o terá designado, segundo certa versão da lenda, até a morte dos filhos havidos de Mégara, quando a Pítia ou o próprio Apolo o teria substituído por *Heracles*, “glória de Hera”

No Prólogo da tragédia, em seu delírio passional, Juno (4) investe contra a terra terrível de Tebas, “cheia de noras ímpias”, que, tantas vezes, a fez madrasta, e desafia Alcmena a que suba a sua morada celeste e ocupe seu lugar de esposa de Júpiter e a Hércules a que possua os astros, a ele prometidos. (21-23) (5)

A concepção semi-divina de Hércules notabilizou-se na literatura latina, a partir do século III antes de Cristo, com a “tragico-

(3). — Cf. BAILLY, M. A. — *Dictionnaire Grec-Français*. 11e ed., Paris, Librairie Hachette.

(4). — Cf. GRIMAL, Pierre — *Dictionnaire de la Mythologie grecque et romaine*. Préface de Charles Picard, Paris, Presses Universitaires de France, 1951. Juno é a deusa romana assimilada a Hera.

(5). — O texto de que nos servimos é o seguinte: *Sénèque. Tragédies*. Texte établi et traduit par Léon Hermann Paris Société d'édition “Les Belles Lettres”, 1924, t. 1.

moedia” (6) *Amphitruo* de Plauto. Abusando de seus poderes divinos, Júpiter, metamorfoseado em Anfítrio, marido de Alcmena, engendra com esta, a qual esperava um filho do esposo, o Hércules lendário.

Filho do Pai dos deuses e de uma mulher, Hércules não é um herói semi-divino como outros de semelhante progênie. Sua excepcionalidade revela-se desde o berço, ressalta da confrontação de sua condição super-humana com a categoria divina de sua inimiga Juno. Decorrência, desdobramento desse cotejo suscitado pelo ciúme insopitável que Juno alimenta por Alcmena e do ódio mortal votado a Hércules, filho desta, dão os componentes fundamentais do complexo mítico-dramático em que se põe o círculo trágico do destino do herói.

Eurípides conjugou variantes da lenda, combinou a lenda tebana e a lenda argiva, dando ordem diferente aos acontecimentos, fazendo que os “doze trabalhos” precedessem o assassinio dos filhos, em lugar de a eles suceder.

Ocorrências prodigiosas revelam, logo no berço, a estirpe divina de Hércules, assinalando o privilégio próprio dos entes divinos de “serem, desde o nascimento, tudo o que serão mais tarde” (7).

A fala da Mégara de abertura do primeiro episódio refere que, recém-nascido (8), Alcides estrangula, com a pequena mão, as duas serpentes (9) que Juno lhe fizera introduzir no quarto enquanto dormia, triunfando, assim, da morte, na primeira tentativa feita pela deusa de levá-lo à perdição.

(6). — Cf. “Amphitruo”, in *Plaute*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout, 3.e ed., Paris, Société d’édition “Les Belles Lettres”, 1952, t. 1.:

“Quid contraxisti frontem? quia tragoediam
Dixi futuram hanc...”

(52-53)

Faciam ut commixta sit *tragico comoedia*”

(59) (o grifo é nosso)

Terá sido a primeira vez que aparece o termo “tragicomédia” na literatura universal? Note-se que Plauto concebe a “tragicomédia” como a mistura do *trágico* e do *cômico* no sentido aristotélico. Para Aristóteles, enquanto a tragédia é “uma imitação... de homens de alto valor moral”, a comédia é a “imitação de homens de qualidade inferior” *Poétique*. Texte établi et traduit par J. Hardy, Paris, Société d’édition “Les Belles Lettres”, 1969, 5, 1449 b.

(7) — WEIL, Henri — *Études sur le drame antique*. Paris, Librairie Hachette et Cie., 1897, p. 185.

(8) — “... prius/quam nosse posset ..” (215-216).

(9) — “et tumida tenera guttura elidens manu/proluisit hidrae” (221-222).

Outros sucessos da infância e da juventude de Hércules omitidos pelo Prólogo ajudam-nos na tentativa de sentir, em toda a sua profundidade e extensão, a figura do herói.

Refere a mitologia lendas de significado iniludível para a compreensão da figura dramática de Alcides, do seu microcosmo mítico pessoal, dentro de seu macrocosmo trágico. Entre essas lendas, cabe referir as seguintes, como reveladoras, no suceder do tempo, de sua natureza super-humana:

Ao sugar o seio de Hera, Alcides morde-o, com tal força, que o leite divino — que o tornaria imortal — jorra até a abóboda celeste e aí se espalha na Via-láctea (10), imprimindo marca da força e do poderio do herói na mesma configuração física do cosmos.

Ainda criança, Alcides tira a vida a seu mestre Lino, transgredindo ordem de coisas normal no relacionamento humano (assassinio considerado legítima defesa por Radamanto) (11), o que denota e grifa a condição excepcional do herói.

Quando jovem, tendo matado o leão que dizimava os rebanhos do rei Téspios, a este vincula-se pela união com suas filhas, das quais tem filhos, por ele mandados para a Sardenha, filhos, cujos descendentes, escapos à injunção humana da morte, em vez de morrer, dormem sono profundo e eterno (12), numa demonstração inequívoca de sua ancestralidade imortal.

Mais tarde, a façanha de livrar os tebanos da opressão da cidade beócia de Orcômeno conquista o direito ao reino de Tebas por meio do casamento com Mégara, filha do rei Creonte.

Hércules não será, então, apenas, aquele “tipo de cavaleiro andante medieval”, já o disse alguém, salvação no perigo, amparo dos oprimidos, escarmento dos opressores, um herói nacional grego, mas o herói que, desde o nascimento, ao longo da puerícia e da adolescência, pelo poder miraculoso de sua origem, vai, coerentemente, afirmando e confirmando sua humanidade divinizada.

O processo de construção da figura do herói, assim nuclearmente delineada pelo mito, tem continuidade e completa-se no “ciclo dos doze trabalhos” (13), impostos, segundo a mitografia helenística, por

(10) — Cf. GRIMAL, *op. cit.* (V “Heracles”)

(11) . — Cf. GRIMAL, *op. cit.* (V “Heracles”)

(12) . — Cf. GRIMAL, *op. cit.* (V. “Heracles”).

(13) — Cf. WEILL *op. cit.*, p. 184: os mitógrafos mencionam mais de doze trabalhos. M. Wilamowitz sustenta que essas amplificações da lenda de Hércules, achando-se no poema de Pisandro de Camiros, do século VI são anteriores a este e supõe que um poeta do século VIII, do Peloponeso, tenha sido o primeiro a estabelecer “o ciclo dos doze trabalhos”

Euristeu, cuja progeneratura (14), devida à intervenção de Juno, e acatada por Hércules, valeu àquele os reinos de Tirinto, Micenas e Mídea, na Argólida (15).

Causa justificável perplexidade, na sua aparente falta de lógica, a submissão de Hércules a Euristeu. Vista, porém, no complexo mítico da saga herculana, pode-se, não só aceitá-la e compreendê-la, como também considerá-la indispensável à estruturação da personalidade mítica do herói.

Dentro da cronologia mitológica, a sujeição do filho de Zeus e Alcmena a Euristeu teria sido determinada pela Pítia, após o acesso de loucura em que imolou os próprios filhos, para que os trabalhos a ele impostos pelo tirano “lhe granjeassem a glória e lhe mercessem a apoteose” Efetivamente, essa tradição mítica salva o herói da ruína criminosa, ao mesmo tempo que enseja e justifica os feitos extraordinários que o individualizam excepcionalmente.

Dois aspectos poderiam, então, ser considerados na submissão de Hércules: a submissão como uma espécie de condição redentora de seu terrível crime e a submissão como a explicação da origem dos “doze trabalhos”, simplesmente. O primeiro não cabe na cronologia trágica.

De que modo, entretanto, coonestar a sujeição de Hércules ao vil Euristeu? Weil admite-a como tentativa dos dórios de legitimarem sua volta (16).

O poder maravilhoso de Hércules sobre seres divinos foi posto a prova, desde o seu nascimento, no cotejo dele com Juno: ele inutilizou, uma a uma, todas as investidas da deusa. Contra o vencedor da divindade existe, porém, algo que está acima do próprio Júpiter: o Destino, a lei suprema que governa os deuses como os homens.

Colocando os trabalhos de Hércules antes do assassinio dos filhos, a cronologia trágica apanha a personalidade do herói em momento culminante de glória, pré-apoteótico, para colocá-la na crise que conduz à catástrofe.

No segundo estásimo, após a descida às últimas profundezas do mundo (17), o derradeiro trabalho, de trazer os despojos do rei do

(14). — “Natus Eurystheus prooperante partu” (830).

(15). — Cf. GRIMAL, *op. cit.* (V. “Eurysthée”).

(16). — Cf. WEIL, *op. cit.*, p. 183. Os trabalhos de Hércules a serviço de Euristeu seriam uma fábula inventada pelos dórios a fim de legitimarem sua conquista como a volta dos senhores, legítimos descendentes de Perseu.

(17). — “mundi penetrare fundum” (831)

terceiro império (18), o coro dos tebanos, em ritmo diferente do ritmo dos quarenta e cinco versos anteriores, volta ao assunto da tragédia:

“Thebis laeta dies adest,
aras tangite supplices,
pingues caedite uictimas”
(875-877) (19)

e termina sua intervenção celebrando a vitória definitiva de Hércules sobre os infernos, além dos quais, nada mais existe, e concitando-o a coroar-se com o choupo querido:

“Transuectus uada Tartari
pacatis redit inferis;
iam nullus superest timor:
nil ultra iacet inferos.
Stantes sacrificus comas
dilecta tege populo”
(889) (20)

O retorno triunfante do Tártaro marca na tragédia, o apogeu da felicidade de Hércules. Tudo prenuncia seu triunfo absoluto sobre o próprio céu, isto é, a última etapa da construção daquele seu universo sem barreiras, à qual construção Júpiter vem assistindo compassivo.

No hiato entre a suma felicidade e a suprema desgraça tramada por Juno desenvolve-se o “drama”

Jacqueline de Romilly ressalta que, em Sófocles, os indivíduos se enganam sobre o que os espera, embora o que os espera seja, em si, claro, ao contrário do que se passa em Eurípides, no qual, “surpresas são verdadeiras surpresas” Assim, a desgraça que atinge Hér-

(18). — “*tertiaie regem spoliare sortis*” (832).

(19). — “Surge para Tebas o dia da felicidade; tocai, suplicantes, os altares, imolai gordas vítimas”

(20). — “Tendo transposto as águas do Tártaro, ele voltou dos infernos; nada mais resta a temer: não há nada além dos infernos. Sacrificador, coroa teus cabelos levantados com o choupo querido”.

Hermann chama a atenção (V. p. 36, Nota 2) para “o caráter semi-divino de Alcides, já, neste passo, indicado discretamente ... com o auxílio dos dois últimos versos, que, para todo romano, evocam o culto de Hércules na Ara Máxima”, lembrando que “na cena seguinte, o próprio Alcides se coroa de choupo para sacrificar a Júpiter”

cules em plena felicidade, em pleno sucesso, “não era mais previsível que sua oportuna chegada, algumas cenas antes” (21).

Realmente, apesar da advertência pressaga do Prólogo, é com surpresa e verdadeiro impacto que vemos esboroar-se o mundo miraculoso de Hércules.

A ação dramática tem início na expectativa ansiosa da volta de Alcides dos infernos. Mégara, reunida a Anfitrião e aos filhos, termina sua primeira fala com um apelo patético que exprime dúvida pungente a respeito do êxito do herói em sua última e decisória prova:

“.. Si qua te maior tenet
clausum potestas, sequimur: aut omnis tuo
defende reditu sospes aut omnes trahe.
Trahes nec ullus eriget fractos deus”
(305-308) (22).

Chegado a Tebas, vitorioso, Alcides desafia Juno a dar-lhe tarefa que ele não possa cumprir:

“Da si quid ultra est...”
“.. quae uinci iubes ”
(614-615) (23)

Ele volta como um super-homem, a quem foi dado ver lugares inacessíveis a todos (606), desconhecidos de Febo (607), mas também como um deus, a quem teria sido dado reinar sobre o mundo inferior, sobre a terceira parte do universo:

“et si placerent tertiae sortis loca,
regnare potui. ”
(609-610)

Hércules transcende, aqui, o caráter do herói grego, “indivíduo” à parte”, excepcional, mais do que humano”, que deve, no entanto,

(21). — ROMILLY, Jacqueline de — *L'Évolution du pathétique d'Eschyle à Euripide*. Paris, Presses Universitaires de France, 1961, p. 109.

(22). — “Mas se um poder muito forte te retém preso, nós te seguimos: defende-nos, a todos, voltando são e salvo, ou leva-nos, a todos, contigo. Tu levarás e nenhum deus nos reerguerá da nossa ruína”.

(23). — “Se tens ainda alguma tarefa para mim, dá-ma. Que me ordenas vencer?”

“assumir a condição humana”, conhecer as vicissitudes, provações, limitações”, “enfrentar os sofrimentos e a morte” (2.).

A crise preparada pela situação em Tebas está para deflagrar. Lico, usurpador do trono de Creonte, frustrado em seu designio de casar-se com Mégara — casamento, que lhe daria o “status” real ambicionado — decide matar a mulher e os filhos de Hércules.

Hércules detém o gesto assassino de Creonte e abate-o e a seus partidários; é um “vitorioso” que se dirige aos altares, para encontro com o pai celeste e os deuses do alto (895-899), em termos de gratidão:

“ .meritas uictimis aras colam”
(899) (25)

Dessa posição piedosa, Hércules passa a atitude inaudita de agressão aos mesmos deuses. É surpreendente sua resposta a Anfítrio, que está perplexo diante da sua fisionomia transtornada, do seu olhar perturbado, das suas visões fantásticas.

A chave do misterioso universo de Hércules ele próprio no-la dá nesta resposta:

“Perdomita tellus,tumida cesserunt freta,
inferna nostros regna senser impetus:
immune caelum est, dignus Alcide labor.
In alta mundi spatia sublimis ferar,
petatur aether: astra promittit pater.
Quid si negaret? Non capit terra Herculem
tandemque superis reddit. En ultro uocat
omnis deo um coetus et laxat fores,
una uetante. Recipis et reseras polum?
An contumacis ianuam mundi traho?
Dubitatur etiam? Uinda Saturno exuam
contraque patris impii regnum impotens

(24). — VERNANT, Jean Pierre — *Mito e pensamento entre os gregos*. Tradução de HAIGANUCH Sarian, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973, p. 287.

(25) — “imolarei vítimas que lhes devo”.

(26). — Subjoguei a terra; os mares furiosos dominei, os reinos infernais sentiram minha força: só o céu permanece incólume; e é uma tarefa digna de Alcides! Às altas regiões do firmamento subirei; o éter será atingido por mim: meu pai promete-me os astros. E se ele mo negasse? A terra já não comporta Hércules e o devolve, finalmente, aos deuses do alto. Sim, espontaneamente, toda a assembléia dos deuses abre-me as portas; uma só

auum resoluam; bella Titanes parent,
me duce, furentes; saxa cum siluis feram,
rapiamque dextra plena Centauris iuga.
Uideat sub Ossa Pelion Chiron suum;
in caelum Olympus tertio positus gradu
perueniet aut mittetur”

(955-975) (26).

A Loucura? O “Furor”, que Juno faria sair do fundo do reino de Plutão? (95,96)

Insensatez, o tom arrogante, belicoso, as palavras ameaçadoras e sacrílegas contra Júpiter? Porque é a Júpiter que ele se dirige.

Desequilíbrio mental? Ou, ao contrário, atitude coerente, à qual, na gradação ascendente dos acontecimentos, deveria levar a fabulação?

— Atitude lógica na estruturação mental da personagem, que pretende deixar sua condição humana. Hércules aceita o desafio de Juno. (21-23)

O tom arfante, de violência desencadeada, é modelo paroxístico da etapa final de sua caminhada para o domínio total do cosmos.

Já, dele, pensara Mégara:

“Inferna tetigit, posset ut supera assequi”

(423) (27).

Simple mortal, Anfitrião, imbuído da “distância entre os homens e os deuses” (28), fica aterrado diante daquela “hybris” descomunal, daqueles sentimentos sacrílegos, daquela ameaça inqualificável, e, em vão, implora a Hércules que contenha o ímpeto desvairado “de um coração grande” mas insano:

deusa a isso se opõe. Recebes-me e abres para mim o céu? Ou arrombo a porta do mundo recalcitrante? Hesitas ainda? Tirarei as algemas de Saturno e, contra a realeza prepotente de um pai ímpio, libertarei meu antepassado: que os Titãs se preparem, furiosos, para a guerra sob meu comando; arrancarei os rochedos com suas florestas e arrebatarei com minha mão direita os montes cheios de Centauros. Então, com o auxílio de dois montes sobrepostos, abrirei caminho para os deuses. Que sob o Ossa, Quirão veja seu Pelião: o Olimpo, posto como um terceiro degrau para o céu, lá chegará ou lá o lançarei”.

(27). — “Desceu aos infernos para poder apoderar-se dos céus”

“Infandos procul
auerte sensus; pectoris sani parum
magni tamen compesce dementem impetum”
(973-975).

Anfitrião não poderia compreender, em toda a sua extensão, a anormalidade do herói. Daí, seu estupor

Chega o momento decisivo da acareação com o Destino. E o Destino se cumpre através das fúrias infernais, que se desencadeiam por força da intervenção de Juno. (976-986)

Hércules sente-se ameaçado pelos monstros infernais. Agora, está louco. Confunde os próprios filhos com os filhos de Lico. Mata-os. Mata Mégara. Teria matado Anfitrião se não intervisse Teseu.

Em seguida, cai por terra “como um freixo ou um pinheiro abatido nas florestas”;

“ ad terram ruit
ut caesa siluis ornus aut pinus. ”
(1046-1047).

Desperto, recuperada a razão, conhecedor do crime abominável que praticara, quer suicidar-se.

Anfitrião e Teseu salvam-no do suicídio. Acabou-se o privilégio divino de Alcides.

Teseu o reduz à condição de mortal submisso à Fortuna, levando-o para Atenas, terra que “costuma restituir a inocência aos próprios deuses” (1344)

Está desintegrado o universo herculano.

Era um universo prodigioso, enigmático, que ultrapassava o poder da compreensão humana, não, porém, o da inteligência divina. Juno o apreende; capta-lhe o significado total; discute-o com inteira clareza no Prólogo.

A cosmovisão antiga — segundo a tragédia — repousa sobre um universo tríplice, constituído de três planos, incomunicáveis entre si, para a condição humana, assim sotopostos: o mundo dos deuses, o mundo dos vivos, o mundo dos mortos.

Não pode o mortal penetrar no reino dos mortos e, muito menos, pô-lo em contacto com o reino dos vivos. Não pode o homem ascender ao reino dos deuses e apossar-se dele.

O cosmos trágico apresenta o herói como senhor absoluto do mundo dos vivos, dono incontrastável do mundo dos mortos, candidato virtual à posse completa do mundo dos deuses superiores.

O cosmos herculano, assim definido, é, na fala prologal, o gerador da antinomia trágica. Hércules torna-se o soberano único do orbe terrestre, conquista supremacia sobre todas as forças de deterioração e destruição do mundo dos vivos:

“ .Quicquid horridum tellus creat
inimica, quicquid pontus aut aer tulit
terribile, dirum, pestilens, atrox, ferum,
fractum atque domitum est. ”

(30-33) (29)

Conquistada, a terra não bastou ao herói. Os limites cósmicos do homem não mais o comportaram. Ele teve que amplificar o mundo em que nascera e em que vivera, trazendo para este mundo o próprio reino do Júpiter tartárico; ele teve, em outras palavras, que confundir, num só, os dois mundos, o dos vivos e o dos mortos:

“ .. Nec satis terrae patent:
effregit ecce limen inferni Iouis
et opima uicti regis ad superos refert”

(46-48) (30).

Hércules venceu os infernos, sobrepujou-lhes o deus, não só quebrando a inviolabilidade de suas fronteiras, quando neles penetrou, como, principalmente, profanando-os, ao desvendar, aos olhos dos homens, os mistérios terríveis da morte. Hércules descobriu as profundezas, antes insondáveis, do inferno e trouxe para os vivos sua intimidade misteriosa, trouxe acorrentado, o próprio Cérbero, jamais antes subjugado. Juno viu-o com os próprios olhos. Hércules provoca a Divindade passeando o negro cão pelas cidades da Argólida:

“patefacta ab imis manibus retro uia est
et sacra dirae mortis in aperto iacent.

(28). — Cf. VERMANT, *op. cit.*, p. 282.

(29). — “Tudo o que de horrível a terra inimiga criou, tudo o que o mar ou o ar produziu de terrível, de monstruoso, de pestilento, de atroz, de feroz, foi por ele destruído, subjugado”

(30). — Já a terra não é bastante grande para ele: então, arrombou as barreiras do Júpiter infernal e trouxe para o mundo do alto as presas opimas do rei vencido”

At ille, rupto carcere umbrarum ferox,
de me triumphat et superbifica manu
atrum per urbes ducit Argolicas canem”
(55-59) (31).

De tal modo o “carcereiro das sombras” à luz dos vivos abala as estruturas do universo mitológico, que a Deusa treme de pavor. (61-62)

É um repto antes nunca visto. A sacralidade do reino dos mortos, se não permite a devassa dos vivos, muito menos admite a promiscuidade com estes.

A perda de Eurídice e a lenda que refere a morte de Orfeu como castigo de Zeus, irritado com as revelações místicas feitas por Orfeu aos iniciados de seus mistérios, mostram bem a anomalia sacrílega intolerável que representa o conhecimento, pelos vivos, dos segredos do reino dos mortos.

Mas Hércules está vitorioso; ninguém foi capaz de detê-lo. Destruída a barreira que separa os vivos dos mortos, nada impedirá que escravize o próprio Plutão, que se torne senhor do Érebo:

“ Cur non uinctum et oppressum trahit
ipsum catenis paria sortitum loui
Ereboque capto potitur?.. ”

(52-54) (32)

Hércules ainda não está satisfeito, ainda não realizou, por inteiro, seu mundo. É o que anuncia Juno. Tendo já carregado, aos ombros, o céu (71-72), procura, agora, o caminho dos deuses superiores:

“...quaerit ad superos uiam”

(74)(33)

Aí, não será apenas um habitante igual aos outros. Aí, destituirá Júpiter e lhe tomará o lugar. Será a subversão do próprio céu:

(31) — “do fundo da morada dos manes, ele abre caminho de volta à terra; daí para frente, os mistérios terríveis da morte estão visíveis a todos. E ele orgulhoso por ter conquistado o cárcere das sombras, triunfa de mim e leva pela mão soberba, através das cidades da Argólida, o negro cão”

(32) — Por que não trará, acorrentado, carregado de grilhões, o mesmo deus a quem a sorte deu um reino igual ao de Júpiter, por que não se há de apoderar do Érebo capturado?”

(33). — “procura o caminho que conduz aos deuses do alto”

“caelo timendum est, regna summa occupet
qui uicit ima: scepra praeripiet patri”
(64-65) (34).

Subvertido por Hércules, o céu será um reino esvaziado da antiga divindade; será um mundo superior novo, concebido, segundo uma nova ordem celeste, de três estratos, entre os quais, não haverá mais barreiras intransponíveis, cujo rei e senhor único será o próprio Hércules.

Esse o universo miraculoso da tragédia em que se movimenta, sozinho, o filho de Júpiter e Alcmena. A construção dramática esvaziou as outras personagens. (35) Hércules, Júpiter potencial, deveria abafar outras figuras, num mundo cuja essencialidade não aceita outros protagonistas, apenas comparsas. Lico, Mégara, Anfitrião, Teseu existem apenas em função da glória de Hércules e para que, como já lembrou alguém, um “perigo iminente” forneça os elementos circunstanciais da interferência da Fortuna”

Hércules é herói aristotélico: não é bom, não é mau. Se fosse bom, sua ruína seria martírio e o martírio sua realização. Se fosse mau, sua ruína seria castigo. Não é homem; é mais que homem. Não será deus, porque, para evitar que o seja, o Destino o destruirá.

O Párodos anuncia as trágicas implicações de um céu ofendido na supremacia absoluta de Júpiter:

“Alte uirtus animosa cadet”
(201) (36).

Impossível desvincular Hércules de seu mundo. Hércules trágico é seu mundo trágico. Com sua ruína, este seu mundo desestrutura-se, resolve-se em um mundo humano, engrandecido pela ação inocentadora da terra de Atenas, que “costuma restituir a inocência aos próprios deuses” (1344)

É ilusória a impressão de que Hércules teria sido derrotado por Juno, de que, do conflito com a deusa, teria resultado a demolição do universo herculano. Hércules e seu universo foram destruídos pelo

(34) — “pelo céu é que é preciso temer; é preciso temer que do reino superior se apodere aquele que venceu os domínios inferiores: ele arrebatará ao pai o cetro”

(35). — KITTO, H. D. F., *op. cit.*, p. 242.

(36). — “Quanto mais orgulhoso o valor, de mais alto cai”

Destino. Do círculo trágico do Destino não poderia o herói desven-
cilhar-se, sob pena de descaracterizar-se como herói trágico.

Desaparece o universo mágico do Hércules divino e emergirá da
catástrofe, atingido pela Fortuna invejosa dos heróis valorosos, não
o homem divinizado, nascido de Júpiter e Alcmena, mas “um grande
homem que pode triunfar até da cega hostilidade dos deuses” (37),
que, vencido pelo Fatum, aceitará, por fim, serena e corajosamente,
o grande valor de sua humanidade, conforme o conselho de Teseu:

“ Surge et aduersa impetu.
perfringe solito. Nunc tuum nulli imparem
animum malo resume, nunc magna tibi
uirtute agendum est: Herculem irasci ueta”
(1274-1277) (38)

O “caráter exemplar e significativo do mito” (39) de Hércules,
no *Hercules Furens*, é a precariedade do herói que transcende sua
condição humana, alcançando, provisoriamente, condição jupiteriana,
pela vitória sobre a hierarquia divina helênica.

A intervenção inelutável, irrevogável, do Destino repara a co-
moção universal provocada pelo excesso do herói, restabelece a hie-
rarquia divina convulsionada por ele.

O Hércules excepcional identifica-se com o universo excepcio-
nal em que insere o “mythos” da personagem.

Restaurada a ordem cósmica, o Hércules excepcional perde con-
seqüentemente, seu caráter divino, deixa de existir como o ser ex-
traordinário que era, para incorporar-se à grande humanidade.

(37). — Cf. KITTO, *op. cit.*, p. 248.

(38). — “Levanta-te e, com teu ímpeto costumeiro, quebra a adversi-
dade. Retoma, agora, tua coragem, que se mostra igual aos maiores males;
usa, agora, de todo o teu grande valor: Proíbe Hércules de irritar-se”.

(39). — Cf. ELIADE, Mircea, *Mito e realidade*. São Paulo Editora
Perspectiva, p. 47.